



FIOS QUE TECEM TERRITÓRIOS DE RESISTÊNCIA: AS MULHERES RENDEIRAS DO ASSENTAMENTO MACEIÓ– ITAPIPOCA / CE.

Debir Soares Gomes^{*}
Gema Galgani S. L. Esmeraldo^{**}
Kélia da Silva Aires^{***}
Natália Ribeiro de Souza^{****}
Andréa Machado Camurça^{*****}

RESUMO

Suscitando reflexões sobre a história de luta pela terra e os significados atribuídos pelas mulheres camponesas às suas ações, este artigo trata-se de um Estudo de Caso que tem como campo de análise o Assentamento Maceió, situado no município de Itapipoca, no Ceará. No Assentamento, as mulheres organizadas de forma coletiva por meio da confecção artesanal da renda de bilro, estão diretamente inseridas em problemáticas de natureza ambiental, política, econômica e social, o que promove a produção de um valor material, mas principalmente simbólico, ao relacionarem seu trabalho artesanal com a territorialização e a sustentabilidade socioambiental da comunidade. O objetivo deste artigo é analisar os significados de ordem simbólica que mobilizam as mulheres rendeiras do grupo “Tecendo Sonhos” a ocuparem uma faixa litorânea de terra, com a montagem de um acampamento à beira mar ameaçada pela especulação imobiliária. Como procedimento metodológico utilizou-se a abordagem de natureza qualitativa, a partir das análises de discurso dos sujeitos do campo, as mulheres camponesas-rendeiras. Utilizou-se da técnica de Observação Participante, com o uso do Diário de Campo e a realização de entrevistas semi-estruturadas. Por meio das formas de inserção dessas mulheres nos espaços de luta e resistência, novas identidades são potencializadas e construídas, que promovem a participação e o auto reconhecimento no uso e ocupação da praia e do mar, na organização do assentamento e nas lutas que envolvem o território camponês.

*Graduada em Economia Doméstica – Universidade Federal do Ceará – CNPq – debirgomes@yahoo.com.br

**Doutora em Sociologia – Universidade Federal do Ceará - gemagalgani@gmail.com

***Graduada em Economia Doméstica – Universidade Federal do Ceará – keliaaires@yahoo.com.br

****Graduada em Engenharia Agrônoma – natyeducampo15@yahoo.com.br

*****Graduanda em Serviço Social – andreamcufc@gmail.com

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Palavras-chave: Ruralidades. Território camponês. Assentamento rural. Mulheres rendeiras.

INTRODUÇÃO

A evocação do passado marca a nossa vida individual e coletiva, é de todo um encontro de singularidades temporais entre o presente, o passado e um futuro almejado. Implica em sensações que faz lembrar convivências mútuas, reacender emoções, reviver utopias e sonhos. Torna-se um processo complexo que não implica apenas num ato mental, pois ao narrar, o sujeito também constrói uma visão de si e de sua atuação.

Neste artigo, os fios que tecem os territórios de resistênciabusca entrelaçam a história de luta de assentadas/osna constituição do assentamento Maceió, município de Itapipoca - CE, e as experiências, falas e gestos das mulheres rendeiras do grupo “Tecendo Sonhos”. Tem como pano de fundo um momento singular de uma ação coletiva realizada em 2007, em favor do território camponês: a ocupação de uma faixa de terra à beira mar próxima ao assentamento, cobiçada pela especulação imobiliária.

Deste modo, o objetivo deste artigo é analisar os significados de ordem simbólica que mobilizam as mulheres rendeiras do grupo “Tecendo Sonhos” a ocuparem uma faixa litorânea de terra, com a montagem de um acampamento à beira mar ameaçada pela especulação imobiliária.

Com o intuito de operacionalizar os resultados optou-se pela abordagem de investigação de natureza qualitativa, utilizando-se o método dialético, que proporcionará uma compreensão em profundidade do universo das mulheres rendeiras a partir da ocupação e da construção do acampamento Nossa Terra. O estudo de caso teve como técnica de pesquisa para coleta de dados a Observação Participante, a utilização do Diário de Campo e a realização de nove entrevistas semiestruturadas focalizadas, onde se escolheu manter o nome

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



verdadeiro das entrevistas, pois legitima e dá reconhecimento às mulheres através de suas falas, opiniões e decisões.

1. TERRITÓRIO ATRIBUÍDO E O TERRITÓRIO CONQUISTADO: O LUGAR DA MORADA

O Assentamento Maceió, com sua Imissão de Posse datada de 05/03/1985, apresenta importantes valores naturais e paisagísticos em sua extensão de 5.844 hectares. Está localizado no litoral oeste cearense, município de Itapipoca, a 200 km da capital Fortaleza e possui 354 famílias cadastradas junto ao Instituto de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. Contudo, a população total é estimada em mais de 900 famílias distribuídas em doze comunidades: Apiques, Bom Jesus, Mateus, Córrego da Estrada, Barra do Córrego, Córrego Novo, Sítio Coqueiro, Jacaré, Humaitá, Lagoa Grande, Maceió e Bode.

As famílias do Assentamento Maceió vivem economicamente das atividades na agricultura, na pecuária, na pesca e no artesanato, todos de base familiar. Sua organização se dá por meio de associações, cooperativa e grupos informais de jovens e de mulheres. A maioria das mulheres assentadas, além do trabalho doméstico e dos cuidados na agricultura e com os pequenos animais, desenvolvem a arte do “dedilhar os bilros”, tecendo peças em renda de bilro que contribuem com o orçamento familiar. Na comunidade Maceió existe o “Grupo de Mulheres Rendeiras Tecendo Sonhos”, formado por 30 mulheres organizadas de forma coletiva e inseridas diretamente em problemáticas de natureza política, econômica e social que atingem os recursos ambientais da comunidade.

Uma das problemáticas refere-se a concessão de uso, o direito de plantar, pescar, transitar e viver que têm sido frequentemente colocados em risco pela especulação imobiliária. No ano de 2002, as famílias assentadas foram surpreendidas com a notícia da construção de um empreendimento turístico



localizado entre o assentamento e a praia, precisamente numa faixa litorânea de terra considerada Patrimônio da União, que havia sido “comprada” pelo empresário português naturalizado brasileiro Sr. Antônio Júlio de Jesus Trindade, conhecido como Júlio Pirata¹.

Munido de documentos “legais” de compra da terra, Júlio Pirata iniciou as obras com o discurso de incentivo à cultura e identidade regional e de oferta de emprego para a população assentada. Contudo, para algumas famílias que garantiam sua sobrevivência da pesca e da coleta de algas, a proposta soava de forma duvidosa: Se a praia agora tem dono, como ficaria o acesso ao mar? Como esse projeto transformaria os costumes da comunidade?

As respostas começaram a surgir logo com as primeiras ações para implantação do empreendimento, nas quais a liberdade de ir e vir das famílias passou a ser usurpada e o meio ambiente alterado, com o desmonte de algumas dunas móveis e fixas, contribuindo deste modo para degradação de campos de dunas, descaracterização da paisagem natural e para um desequilíbrio ambiental do local.

Segundo Ladouceur (2003) os megaprojetos são pensados e desenvolvidos no contexto das políticas. Neste caso, a implantação de um complexo turístico faz parte de um projeto político de desenvolvimento econômico do Governo do Estado do Ceará que vem sendo realizado ao longo de toda faixa litorânea do estado. Muitas vezes com os direitos violados, aos despossuídos de seus territórios é proposta uma promessa efêmera de melhoria de vida.

No intuito de conservar a soberania de seus territórios e a permanência na terra, assentados e assentadas iniciaram uma nova luta na busca de garantir o modo de vida camponês. As mulheres rendeiras foram as pioneiras nas denúncias e com postura contra ao empreendimento, como narra D. Graça:

É porque assim, 2002 nós fiquemos arrepiada com a história do Pirata, ai surgiu as fofoca: “Pirata comprou a terra da praia, Pirata comprou o hotel da

¹ Júlio Pirata falece no ano de 2011 e seu filho dá continuidade à especulação da área para fins de uso empresarial.

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Para Ladouceur (2003, p. 13), “a identidade cultural não se traduz somente em relação a história e à memória coletiva: ela congrega igualmente uma espacialidade” e “corresponde ao pertencimento a um território”. Assim, contrapondo-se a concepção de um território dado e garantindo à identidade cultural que reafirma o território construído como fruto do jogo de atores sociais, as mulheres rendeiras passam a reivindicar praia.

Com o apoio de militantes do Movimento Sem Terra – MST algumas famílias foram estimuladas a reescrever e redesenhar sua imagem sociopolítica e pedagógica, através da pedagogia dos movimentos sociais que “compreendem e exploram pedagogicamente as tensões e contradições da sociedade”(SOUZA, 2006, p.11).

Repensando e reaprendendo concepções e práticas as famílias do assentamento Maceió optaram por uma prática política desenvolvida pelo MST que se tornou um dos lemas do Movimento e que, de forma singular, vêm construindo conhecimentos, experiências e mudando a história da reforma agrária no Brasil: o ato de ocupar para resistir!

As palavras de D. Graça expõem a ação que se contrapõe à construção do empreendimento turístico:

Aí em 2002 nós passamos o ano fazendo essa divulgação, quando foi no 2003, no fim de 2002 ele empregou um bocado de gente lá, fizeram uma barraca lá em cima do morro, e aí empregou um bocado de gente mesmo da comunidade, e fizeram um grande galpão, todo de madeira, reforçada, pra guardar o material e construir o hotel. [...]o MST ele já tinha uma pequena parceria com nós desde de 2003 também [...] e aí nós começamos também fazer amizade, discutir as coisas, e eles começaram a ensinar muita estratégia de como a gente lutar, e aí nós pegamos essa parceria com ele e o Acampamento foi uma iniciativa nossa e o MST, aí nós conversando e surgiu a proposta: “Só tem como a gente barrar esse negócio de eles ficarem construindo alguma coisa, se tiver local pra se acampar! Então se acampa!”. Aí foi isso que nós fizemos, se acampamos lá. (Entrevista com D. Graça, 64 anos, realizada dia 23/07/2013).

Outro sentido é dado às ações das mulheres rendeiras ao perceber através da ocupação o sentimento coletivo de busca por direitos. Do ponto de vista das camponesas, uma desobediência civil transforma-se em uma ação de direito: o

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



direito de resistência (SIQUEIRA; HIRAYMA, 2002). Como afirma Molina (2002, p. 31), “o direito deve ser entendido como *lócus* onde as contradições, as lutas, os jogos, os debates e as conquistas se dão”. Portanto, a ação de acamparem à beira mar evidencia uma estratégia para permanência no território e constitui uma força diante da ineficiência histórica do poder público na resolução da questão agrária brasileira.

Mesmo sendo uma experiência nova para as mulheres rendeiras, já que ainda não haviam passado pela vivência de acampamento no início da luta, elas compreenderam a dimensão libertadora do acampamento. Surge este novo modo de vida onde transpira a vontade de superar as condições de exploração e construir uma identidade social, onde a terra significa trabalho, produção, liberdade e continuidade de vida.

2. OCUPAR PARA RESISTIR: A LUTA PELA MANUTENCAO DA VIDA

No dia 22 de fevereiro de 2007, numa noite de muita chuva e ventania, cerca de 60 camponesas e camponeses se reuniram com a ajuda de militantes do MST para organizarem o acampamento na praia em conflito, a poucos metros do mar. O ponto de encontro foi na praia do Apiques, à meia noite, onde um carro os aguardava para levarem ao local da ocupação.

Munidos com lanternas, estacas de madeira, lonas, panelas, mantimentos, a bandeira do MST, a bíblia e a imagem de Nossa Senhora Aparecida, mulheres e homens seguiram para a possibilidade de libertação da praia. A chuva que não dava trégua deixava a noite ainda mais desafiante para alguns que sofriam com o frio.

Contudo, nem o frio, nem o vento fez com que o povo desistisse, pois a ocupação significava uma estratégia de reterritorialização da praia, no intuito de fazê-la voltar a cumprir com sua “função social, de provisão de vida e de existência” (ESMERALDO, 2007, p. 72). O sentimento de medo e ao mesmo tempo de coragem,

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



o entusiasmo e a determinação de manterem o território conquistado é aflorado em cada gesto das mulheres ao relatarem aquela noite:

Esse dia, eu me lembro demais desse dia [...] nesse dia começou a chover, de madrugada, duas horas da manhã o povo acordado, e o carro vinha de lá da comunidade Apiques. Todo material pra levar, vinha cheio de material, ía passar aqui e a gente ía pro Apiques e lá se encontra todo mundo. [...] Descemos pro Apiques, chegamos lá, na chuva, a chuva pegou nós no caminho, e ai fomos, lá no Apiques entrou todo mundo e quando chegamos os refletor era deste tamanho e todo mundo sem saber o que fazer, descer material! O refletor da barraca do Pirata que ficava lá em cima e lá o povo não tinha muito acesso, acesso livre como já tem hoje, ía pra lá o povo já voltava no caminho, era tiro, lanterna e num sei quer, a pessoa chegava pra olhar o que era, e ai os refletor era deste tamanho, de lá! Só sei que nós montamos, quando amanheceu o dia já tava uma barraca pronta já (Entrevista com Conceição, 33 anos, realizada em 22/07/2013).

A afirmação de uma luta coletiva impulsiona mulheres camponesas a irem além das funções naturalizadas que estão ligadas ao sexo feminino. Elas transpõem o papel de esposas e mães, assumindo uma identidade de luta na qual o gênero não delimita mais espaços, ações ou normas, pois todos são igualmente responsáveis, como afirma Conceição:

Mas esse dia foi muito, pra quem foi, foi um dia muito marcante, porque assim, era como se fosse pra gente desistir ali, foi tanta dificuldade, tanta coisa, aí nessa praia tinha tanto mosquito que pica, aí era tanto mosquito tanta coisa, era relâmpago, era trovão, era chuva e era tudo, eu só sei que mesmo assim [...]o sentimento é sei lá, lembrar daquele dia... Todo mundo junto, pela primeira vez assim... A gente era da comunidade, mas nunca a gente tinha ficado acampada, a gente só tem a coragem porque a gente tá junto, se fosse sozinha a gente num... Mas o povo todo junto encoraja uns aos outros, era sei lá, um sentimento de realização, era um aperto uma coisa [...]eu fiz questão, o Ícaro era bem novinho, ai eu acordei de madrugada e fui, eu disse: “Não, eu deixo o Ícaro aqui, [filho dela que na época estava com 2 anos] ele tava operado, algumas pessoas iam ficar, e deixo ele aqui e vou, faço questão de ir” e acabei que fui, graças a Deus, tenho muito orgulho de ter participado daquele dia. (Entrevista com Conceição, 33 anos, realizada em 22/07/2013).

Chegando ao local, segundo os relatos, rapidamente a população ergueu um grande barracão e ao amanhecer o dia, aqueles que suportaram a noite chuvosa puderam contemplar com sentimento de alegria mais uma conquista. Contudo, essa

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



luta se tornou mais uma batalha, pois a guerra ainda não havia sido vencida, já que nas relações de poder surge o conflito e o clima de violência no campo, quer seja por parte do proprietário de terra, quer seja pelo Estado.

A dimensão do conflito se sobrepõe por meio daqueles que exercem poder e para a garantia do território, o poder depende da articulação e da sustentação das relações estabelecidas num espaço construído ideologicamente que em sua maioria é definido por um pensamento dominante.

Deste modo, devido às estreitas relações que Júlio Pirata tinha com as autoridades políticas e legais na região e no Estado, no mesmo dia da ocupação a polícia realizou o despejo das famílias. Contudo, com o apoio de várias pessoas das comunidades o acampamento foi reerguido. O acampamento manteve-se erguido até o dia 06 de fevereiro de 2009, quando houve mais um despejo por parte da polícia e de “capangas” do Júlio Pirata, ambos fortemente armados.

As famílias tentaram impedir que eles demolissem o acampamento, mas com o uso de força e violência a ação foi realizada, destruindo não só todos os pertences de uso coletivo dos acampados, mas também os símbolos daquela luta, ao rasgarem a bandeira do Movimento e jogarem no chão a bíblia e a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Contudo, a ação de ocupar aglutina nas mulheres e homens ainda mais uma consciência de si, que mesmo diante dos desafios enfrentados, proporcionou a manutenção da luta e da resistência. A violência não conseguiu apagar a consciência de que a praia é um território que fortalece a identidade dos povos do mar e o acampamento foi levantado mais uma vez.

O sentimento é submergido no relato de D. Graça, quando retrata esse momento, enfatizando a força e a coragem das mulheres na luta:

Quando passamos seis meses, quando foi em setembro, meio dia, dia de sexta-feira, eu tava em Itapipoca esse dia, quando as menina ligaram pra nós chorando, dizendo que tava derrubando nosso Acampamento. Aí foi a polícia mesmo, 19 policial, derrubaram nosso acampamento, e nós chorando, chorando, de tardezinha aí muitos homens também, muitas mulher. Quebraram nossas cadeira, prato, nós tinha levado Nossa Senhora de Aparecida pra lá numa caminhada... Quebraram! Jogaram a Bíblia que nós tinha lá, fizeram um absurdo de coisa... E a Maria Branca pegou um



pau pra matar um, aí foi um absurdo lá, tudo chorando, aí os homem disse assim: “Nós não vamos mais levantar a barraca não, já levantamos e aí vem e derruba!”. Aí nós: “Negada, se nós amanhecer o dia aqui sem barraca eles vão mangar de nós e nós não pode sair daqui não, nós já se acampemos aqui, aí eles vão achar é bom nós amanhecer o dia aí no relento, no sol”. Aí nós mulher pegamos os pau e fomos armar, aí dentro de poucos minutos nós armemos a barraca, aí dez horas da noite nós tava tomando caldo. Fizemos uma panelona de caldo, de massa de milho com leite, aí era aquele chafurdo nós brincando, e bebendo caldo meia noite, amanheceu o dia nós debaixo da barraca, e até hoje nós tamo lá. (Entrevista com D. Graça, 64 anos, realizada dia 23/07/2013).

A esperança é expressa na resistência e determinação vivenciada dia após dia no acampamento que possibilitou uma experiência de reflexão partilhada e a certeza de quem realmente apoiava a luta. Ao longo dos sete anos de acampamento, as famílias também construíram uma relação de apoio e solidariedade com outros movimentos sociais, ONGs, Igreja e Universidades, o que possibilitou a permanência das famílias acampadas até hoje sem sofrerem mais nenhuma represália.

2.1 O cotidiano no acampamento Nossa Terra

O dia a dia no acampamento vem se configurando em momentos de sociabilidades. As mulheres rendeiras do grupo “Tecendo Sonhos” agregaram mais mulheres da comunidade do Jacaré e divididas em três grupos (Grupo de Cima, Grupo do Meio, Grupo de Baixo), elas revezam a permanência no acampamento de modo que sempre a qualquer hora do dia ou da noite possa ter alguém a observar o movimento na praia. À noite, os homens também participam da vigília, mas são as mulheres que mantêm a resistência durante o dia.

Cada grupo tem um espaço para guardar os seus pertences, no qual elas deixam suas almofadas de tecer a renda. A cozinha é coletiva e os grupos são responsáveis por trazer seus próprios mantimentos para o preparo das refeições. Todas prontamente oferecem um alimento: uma traz o feijão, a outra o arroz, a outra o peixe ou as verduras, e assim, a colaboração aflora entre as atividades, asconversas e a arte de dedilhar os bilros.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Segundo Arroyo & Schuch (2006, p. 61), “a idéia de solidariedade remete a uma ação humana que corresponde à noção elevada de que o melhor para alguém só se obtém de maneira sustentável se for também o melhor para o outro”. Diferente da caridade pura e simples, “a solidariedade se destaca por esse grau avançado de compreensão de que a solução dos problemas individuais passa pela solução dos problemas coletivos”.

Deste modo, os valores humanos em torno de uma produção material são gerados por relações de reciprocidade, onde a ajuda mútua é desenhada na cooperação e organização do trabalho, e essas “estruturas elementares de reciprocidade” produzem “sentimentos de si mesmo ou sentimentos compartilhados dando lugar à produção de valores éticos ou espirituais” (SABOURIN, 2011, p.71).

De acordo com Sabourin (2011) a prática da ajuda mútua é uma forma de solidariedade essencial para sobrevivência de várias comunidades, gerando amizades e contribuindo para a constituição do sentimento de pertencimento, confiança e respeito. Percebeu-se, portanto, que na construção de um ideal solidário e sustentável, as mulheres rurais também colaboram na constituição do próprio lugar, fortalecendo o território.

A questão da propriedade da terra para quem vive no campo é questão do dia a dia, e para entendê-la, é necessário compreender que a terra é um instrumento de trabalho, mas mais do que isso, torna-se num espaço político, econômico e social, em um “microcosmo social” (SAUER, 2005). Assim sendo, as mulheres rendeiras, munidas de suas almofadas contra um turismo que se diz “sustentável”, mas entendido como predatório, saem do assentamento e acampam à beira mar como forma de garantir uma visibilidade por parte dos órgãos governamentais, uma permanência na terra como “um local de pertencimento, construção real e simbólica do ser, o vir-a-ser que está em um lugar” (SAUER, 2005, p. 69)

O caráter cultural bem como as discussões de preservação ambiental também imerge em todas as ações de luta pela preservação do território. Envolve o

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



ser e fazer das famílias e aponta um modelo mais amplo de percepção da natureza e dos indivíduos, como fica claro no relato de D. Ana:

Eu acho que quando a gente tá numa luta né contra uma coisa que vem destruir a nossa natureza, as nossa duna, a nossa praia, eu acho que nós tamo lutando em favor do meio ambiente, tamo lutando por um mundo melhor. É isso que eu acredito (Entrevista com D. Ana, 54 anos, realizada dia 03/03/2013).

As contribuições das mulheres têm sido essenciais para a proteção ambiental e a ação do acampamento contribui para revitalizar a praia, fortalecer a luta e a resistência e, sobretudo, para construção de um ideal solidário e sustentável, pensado no “bem de todos”. Além disso, o acampamento imprime uma ação afirmativa dessas mulheres inseridas em espaços constituídos com a participação ativa das mulheres. Nesses espaços, as mulheres desarticulam condições anteriormente construídas do “ser mulher” e constroem outros espaços que ressignificam sua existência e importância.

Para Woortmann (1991, p.28),

[...] a mulher não articula apenas relações sociais, mas também relações espaciais. A história dessas mulheres é, em boa parte, a história da desarticulação desses espaços. Se o espaço é um ambiente, um ecossistema, ele não é apenas um ambiente natural, dado, mas um ambiente cognitivamente apreendido e culturalmente construído. Como ambiente construído, é um espaço "significado", cujo uso social lhe atribui um sentido. A noção de ambiente inclui, então, as relações sociais e a cultura que fazem da "população" desse ecossistema uma sociedade.

Nos sete anos de experiência, os aprendizados foram sendo somados com a superação das dificuldades cotidianas, constituindo o acampamento como um lugar de significados para a organização das mulheres rendeiras, na formação de uma consciência crítica e na mobilização política dessas mulheres. O acampamento tem possibilitado diferentes espaços de participação e aprendizagem, nas assembleias, oficinas e agendas de reivindicações. À medida que o debate das pautas de luta é constituído, oportuniza o entrosamento, conhecimentos e experiências, tornando visível o empoderamento feminino por meio da formação de uma consciência crítica (GARCIA et al., 2010).



O papel dessa mulher na sociedade de reprodutora, mãe, cuidadora, passa a adquirir um status de sujeito social e político que aponta para uma nova existência, uma condição do feminino que processualmente rompe com as fronteiras rigidamente demarcadas e segmentadas para o ser homem e o ser mulher. Embora havendo uma tentativa de permanência dos modelos tradicionalmente incorporados, as rupturas têm sido feitas admitindo aos poucos a criação de pluralidades e a constituição de uma cultura de direitos.

O processo de aprendizagem coletiva oportunizado às mulheres por meio do acampamento manifesta uma prática educativa que tem como bases as vivências individuais e coletivas dessas mulheres, potencialmente favorável para pôr em evidência significados que permitam o debate e a análise da constituição das identidades das mulheres, que historicamente foram marcadas pela exclusão, revelando-as como sujeitos da história.

Segundo Schefler (2010, p.2),

os espaços dos acampamentos oportunizam às mulheres apreenderem o poder não somente no sentido repressivo, mas também produtivo, um poder que não apenas suprime, mas produz sujeitos, admitindo-se que as relações de poder alteram-se constantemente, marcadas por conflitos e pontos de resistência.

No acampamento, as mulheres rendeiras estabelecem territorialidades. Entretanto, as mulheres rendeiras revelam um entrelaçamento entre o trabalho e a vida cotidiana e apesar de desempenhar uma atividade remunerada, o tempo despendido primeiramente para as atividades ligadas à casa e a família em detrimento do tempo para “tecer a renda” e as atividades ligadas ao acampamento, demonstram o quanto as mulheres ainda estão ligadas a reprodução familiar.

Portanto, falar das ações coletivas das mulheres rendeiras, esquecendo o trabalho doméstico só reafirmaria uma “desqualificação social e econômica das tarefas realizadas pelas mulheres” (ESMERALDO, 2004, p.219). Deste modo, é importante ressaltar que para as mulheres rendeiras o tempo é pensado com base em uma combinação de atividades produtivas e reprodutivas, buscando um ajuste

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



entre suas atividades para estarem presentes nesses espaços que possibilitam um poder de ação/decisão.

Os lugares da mulher naturalizado como sendo o da casa/quintal e o tempo organizado com base nas atividades do âmbito doméstico continua forte na vida das mulheres rendeiras. Além das tarefas domésticas, do cuidado com os filhos, das atividades na luta, da confecção da renda de bilro, as mulheres rendeiras desenvolvem atividades nos quintais, com o cuidado de pequenos animais, o plantio de hortaliças, ervas medicinais e de flores que servem de ornamentação do espaço casa-quintal.

Muitas dessas mulheres também participam do roçado e da transformação dos produtos provenientes do roçado, como é o caso da farinha de mandioca. Observa-se que as mulheres rendeiras permanecem vulneráveis ao comando do tempo e do espaço reprodutivo, mas elas têm sido (re)construídas no tempo pelo espaço, escrevendo uma nova versão do cotidiano e assumindo novas possibilidades de mudanças e adaptações obtidas por meio da participação no Acampamento.

Uma das mudanças observadas foi a aceitação e o apoio dos maridos para participação das mulheres nos espaços políticos e de decisão do assentamento e fora dele, provavelmente pelas discussões de gênero propostas por organizações não governamentais e movimentos sociais apoiadores da luta. Quando indagada sobre a opinião do marido, D. Graça (64 anos, realizada no dia 23/07/2013) fala que vai “pra Brasília, atividade do MST passo de 11 dias, 10 dias, aí ele diz assim: Aproveita enquanto tu pode.”

Com isso, verifica-se que o cotidiano começa a sofrer rupturas quando as mulheres rendeiras transformam um agregado de espaços separados, num todo articulado e acendem de modo tímido, mas de forma sucedida, possibilidades de rompimento com as formas de dominação presentes no interior das famílias. Assim, as mulheres têm constituído uma territorialização de seus espaços e vida.

Territorializar-se, desta forma, significa criar mediações espaciais que nos proporcionam efetivo “poder” sobre nossa reprodução enquanto grupos



sociais (para alguns também enquanto indivíduos), poder este que é sempre multiescalar e multidimensional, material e imaterial, de “dominação” e “apropriação” ao mesmo tempo. (HAESBAERT, 2011, p.97).

Sair do lugar não significa obrigatoriamente está desterritorializado, mas pode representar reterritorializar-se através da mobilidade. As mulheres rendeiras ao saírem do espaço casa-quintal e adentrar em outros lugares elas se desterritorializam, se reterritorializando. Ou seja, o processo de territorialização é visível já que “territorializar-se significa também, hoje, construir e/ou controlar fluxos/redes e criar referenciais simbólicos num espaço em movimento, no e pelo movimento” (HAESBAERT, 2011, p.280).

Assim, experimentando as diversas faces do território camponês, as mulheres rendeiras reconstroem, ao mesmo tempo e constantemente, seus próprios territórios, num processo de multiterritorialização, que constitui a territorialização por meio da própria desterritorialização. Conforme Durval e Ferrante (2010, p.17) a participação nos espaços públicos “não trazem, magicamente, como consequência, uma (re)socialização que inverta posições naturalizadas e, de fato, leve a mulher a entrar no campo dos direitos em todas as dimensões da vida social.” Contudo, verifica-se sinais que elas têm tomado o domínio de seus próprios destinos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de conquista do território do assentamento e o ato de ocupar a praia, expressa a concreta territorialização do movimento de luta pela terra, na qual as famílias camponesas dimensionam os espaços de socialização política e os transformam em espaços de luta e resistência.

Ao anular a visão economicista da atividade da renda bilro e unirem o “tecer a renda” com outras ações coletivas, as mulheres rendeiras desenvolvem um

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



pertencimento de si e do lugar. O sentir-se parte, ou seja, a concepção de pertencimento, emerge nas mulheres rendeiras um princípio de identificação – uma “estética do nós” e faz a relação com o espaço tornar-se afetual, suscitando uma nova concepção às fronteiras desse território, demarcado por aquilo que é compartilhado, pelos moldes do simbólico e pelas linhas estabelecidas pelo cotidiano (ACCIOLY, 2011).

As relações sociais nesse cotidiano pulsante são dinâmicas e as ações coletivas das mulheres são resignificadas de acordo com a ordem social instituída internamente pela dinâmica de vida dos sujeitos, ou seja, a camponesa se apropria de uma forma de organização que é resignificada de acordo com sua práxis e necessidades. Nesse contexto, a organização coletiva nascida de decisão interna entre as mulheres envolvidas no grupo é baseada na solidariedade, na reciprocidade e na luta, uma organização instituída para efetivar territórios de resistência.

As mulheres passam a estarem mais presentes nas decisões, saindo da invisibilidade e passando a participar ativamente de programas de capacitação e de organização social, atuando na transformação da economia, na valorização do seu trabalho e no reconhecimento do seu papel protagonista para o desenvolvimento social, econômico, ambiental e político da comunidade.

REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Cecília Bastos da Costa. Territorialidades e saberes locais: muros e fronteiras na construção do saber acadêmico. **Cad. CRH**, Salvador, v. 24, n. 63, dez.2011. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792011000300014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 mar. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792011000300014>.

ARROYO, João C. T.; SCHUCH, Flávio C.. **Economia popular e solidária: a alavanca para um desenvolvimento sustentável e solidário**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

DURVAL, Henrique Carmona. FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta. Assentadas rurais no circuito da resistência: invertendo papéis? **VIII Congresso Latinoamericano de Sociologia Rural**, Porto de Galinhas, 2010.

